

LIVRO DO MÊS



# SÓ UMA ONDA

Eu não via o menor sinal de perigo no horizonte. A água estava calma e cristalina...

POR BETHANY HAMILTON  
COM SHERYL BERK E RICK BUNDSCHUH

...eu parecia estar nadando numa piscina em vez de em mar aberto, ao largo da Ilha de Kauai, no Havaí. As ondas eram pequenas e fracas, e eu me deixava levar por elas, relaxando na prancha, com o braço esquerdo mergulhado na água fria. Lembro-me de ter pensado: *Espero que as ondas melhorem logo*, quando subitamente vi uma sombra cinza.

Foi só o que levou: um milésimo de segundo. Senti muita pressão e alguns puxões rápidos. Vi os dentes de um tubarão-tigre de quase cinco metros cobrirem parte da minha prancha e o meu braço esquerdo. E então fiquei olhando, chocada, enquanto a água ao meu redor se tingia de vermelho. Meu braço esquerdo fora arrancado quase até a axila, junto de um enorme pedaço da minha prancha de surfe vermelha, branca e azul...

A NÃO SER PELO FATO de ser *Halloween*, aquela manhã era igual a todas as outras. Minha mãe, Cheri, e eu saímos de casa de madrugada para procurar um bom lugar para surfar. Quando chegamos ao nosso destino, uma praia chamada Cannons, o sol ainda não havia surgido. Saí do carro para dar uma olhada, mas estava escuro demais para ver a água. Também não conseguia ouvir quase nada. Quando as ondas estão grandes, você pode ouvi-las de longe batendo no recife.

- Parece que não tem muita coisa acontecendo - eu disse.

- Então vamos voltar - respondeu mamãe, com um suspiro. Ela estava igualmente desapontada. - Talvez as ondas estejam melhores amanhã.

Eu sabia que, se não ficasse surfando, voltaria para casa e me dedicaria aos estudos sociais, ao inglês ou à matemática. Como estava me preparando para ser uma surfista profissional, estudava em casa em vez de ir à escola a fim de ter mais tempo para praticar. Mas meus pais me passavam bastante dever de casa.

Eu começara a participar de competições quando ainda estava no ensino fundamental. Viajar pelo Havaí não é fácil nem barato, e meus pais não são ricos; papai é garçom e mamãe faz faxina em apartamentos de aluguel por temporada. Nós tínhamos de arrumar o dinheiro para taxas de inscrição, passagens de avião, aluguéis de carro e despesas com hotel e alimentação. E, no surfe, diferentemente do golfe e de outros esportes, se você ganha uma competição, não recebe muito dinheiro, principalmente nas categorias infantis e femininas.

Meus pais, porém, estavam dispostos a fazer sacrifícios por mim. Com



**Num momento de descontração, Bethany (de azul) divide a prancha com a amiga, Alana Blanchard.**

---

me faziam sentir a adrenalina correndo no meu sangue. Muitas crianças ficam intimidadas quando as ondas começam a crescer. Eu? Vivo para isso – quanto maior, melhor! Acabei ganhando todas as baterias do torneio e os campeonatos da minha categoria.

Depois, fui entrando num número cada vez maior de competições e me saí muito bem na maioria. Parecia possível me tornar profissional como outras meninas da ilha. Pelo menos era o que achavam meus pais e meus dois irmãos mais velhos. E era o que eu mais queria na vida.

Quando mamãe e eu saíamos da Cannons, fiz uma última tentativa:

– Vamos ver como está a Tunnels Beach?

A Tunnels fica perto da Cannons; os surfistas gostam dessa praia, porque, próximo ao recife, as ondas são muito rápidas quase o ano inteiro.

– Claro, podemos dar uma olhada – respondeu mamãe.

Chegamos ao estacionamento da Tunnels Beach.

Nesse momento uma caminhonete preta chega também com Alana Blanchard, minha melhor amiga, Byron, seu irmão de 15 anos, e o pai, Holt. *Talvez o dia de hoje não esteja completamente perdido*, pensei. Embora as ondas estivessem ruins, fazia sol, a água estava morna e meus amigos estavam ali.

- Posso ficar, mamãe? - perguntei.

- Peça a Holt que leve você para casa - gritou ela, afastando-se, e corri trilha abaixo com meus amigos até a Tunnels Beach.

Estava feliz por poder surfar e estar com meus amigos. Senti a água morna bater em meus tornozelos e, antes de entrar no mar, olhei o relógio.

Eram 6h40 daquela bela manhã do *Halloween* de 2003.

## MÃOS AMIGAS

Deitada na prancha, vendo meu sangue se espalhar na água à minha volta, gritei, não de pânico, para os meus amigos:

- Fui atacada por um tubarão!

Byron e Holt chegaram num segundo. Holt estava pálido e seus olhos, arregalados.

- Meu Deus! - ele disse, mas sem perder a calma.

Em vez disso, assumiu o controle da situação: me empurrou pela rabeta da prancha, e uma onda pequena me levou para além do recife. Foi um milagre a maré estar alta. Se estivesse baixa, teríamos de contornar o recife todo para chegar à areia. Mas, mesmo naquelas condições, a praia ainda estava a quase 500 metros de distância.

Meu braço sangrava muito, mas o sangue não jorrava como deveria depois de uma das artérias principais ter sido cortada. Agora eu sei que ferimentos como esse muitas vezes fazem com que as artérias se estreitem e quase se fechem. Eu rezava feito louca, repetindo: "Por favor, Deus, me ajude a chegar à praia."

Holt tirou a camisa de Neoprene que estava usando. O mar, agora raso, com menos de um metro de profundidade, possibilitava Holt ficar de pé. Amarrou a camisa no que restava do meu braço, para que funcionasse como um torniquete. Em seguida, pediu que eu agarrasse seu calção e segurasse com força, enquanto ele me empurrava para a areia. Byron já estava na nossa frente, nadando desesperado, a fim de ligar para o Serviço de



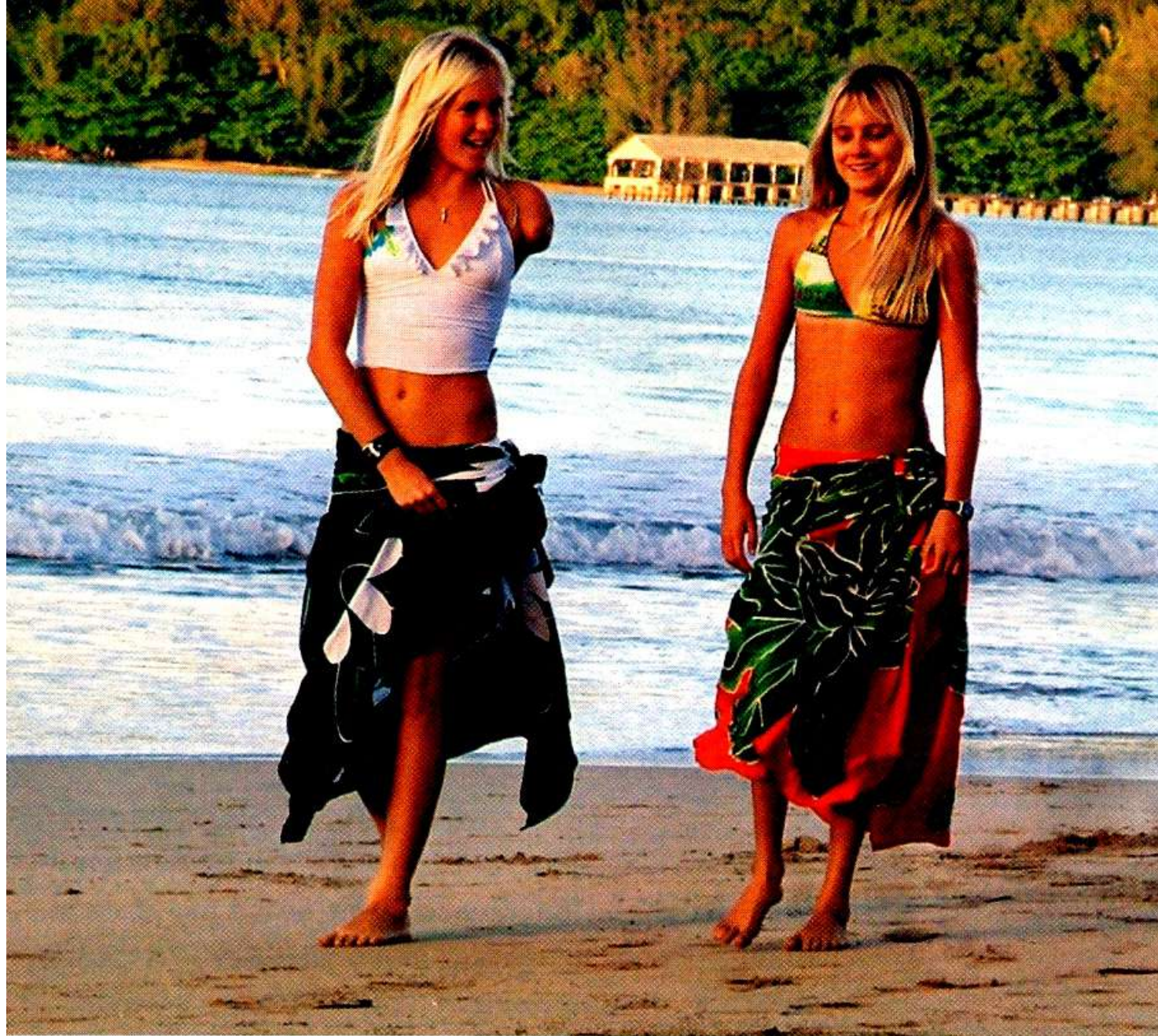
**“Filhos de peixe.” Os Hamiltons (da esquerda para a direita): Cheri, Tom, Bethany, Timmy, Noah e *Ginger*, o *shar-pei* da família.**

Emergência. Holt ficava me fazendo perguntas como “Bethany, você está me ouvindo?”, “Como você está?”. Acho que ele queria ter certeza de que eu não desmaiaria no meio do

oceano. Eu respondia a tudo o que ele me perguntava, rezava em voz alta e via a praia cada vez mais de perto.

Quando chegamos, Holt me levantou da prancha e me colocou na areia. Amarrou o *strep* da prancha no meu braço para estancar o sangramento. Nesse momento, tudo ficou preto, e eu não sei por quanto tempo fiquei inconsciente. Eu alternava momentos em que perdia e recobrava a consciência. O que aconteceu depois disso foi confuso, um misto de imagens, sons e sensações. Lembro-me de ter sentido frio. Ouvi dizer que isso acontece quando se perde muito sangue. As pessoas trouxeram toalhas de praia e me enrolaram nelas.

Também me lembro de que comecei a sentir uma forte dor no ferimento e sei que disse: “Eu quero a minha mãe!” Sentia muita sede e pedi a Alana que me desse um pouco de água. Ela, desesperada, pediu ajuda a um tu-



rista, Fred Murray, que ouvira os gritos de socorro e correrá até a praia. Ele estava com um grupo, em Kauai, para uma reunião de família, relaxando na casa alugada em frente à praia.

“Venha comigo!” ele gritou, e os dois correram para chamar um dos membros da família, um homem chamado Paul Wheeler, que era capitão e paramédico do Corpo de Bombeiros de Hayward, na Califórnia. Alana explicou-lhe o que acontecera, o melhor que pôde no estado de choque em que se encontrava, e disse que eu precisava beber água.

Paul não hesitou. Saiu voando da casa para me socorrer. Eu me lembro do rosto dele e da compaixão em sua voz. Acho que todos ficaram aliviados por haver um profissional de saúde ali; eu pelo menos me senti mais confortada. Paul examinou o ferimento. Alana chegou com a água, mas

**Melhores amigas. “Somos competitivas”, diz Bethany, “mas vibramos quando uma de nós vence uma competição.”**

ele disse que eu não deveria bebê-la. “Sei que está com sede”, ele disse, “mas vai ter de fazer uma cirurgia, e precisa estar com o estômago vazio.”

Um vizinho trouxe um pequeno *kit* de primeiros socorros, e Paul calçou luvas para envolver o ferimento com gaze, a fim de evitar contaminação. Eu me lembro de estremecer, enquanto ele o limpava, mas eu sabia que era necessário. Paul sentiu meu pulso e balançou a cabeça. “Ela perdeu muito sangue”, disse, baixinho.

Eu me lembro de ter pensado: *Por que a ambulância está demorando tanto? Por favor, andem logo!* Holt decidiu que nós não podíamos esperar mais. Ele, Paul e Fred Murray me colocaram numa prancha e me carregaram até o estacionamento. Acomodaram-me na caçamba da caminhonete dos Blanchards. Eu continuava tendo desmaios, vendo *flashes* do que acontecia e ouvindo apenas trechos de conversas frenéticas.

Então, em algum momento, chegaram os carros de socorro. Lembro-me das sirenes, altas e agudas. Lembro-me de receber algumas picadas de agulha, de ser colocada na maca e levada para a ambulância. No entanto, o que me lembro mais claramente foi do que o paramédico de Kauai me disse. Quando estávamos saindo do estacionamento da Tunnels, ele segurou minha mão e sussurrou em meu ouvido: “Deus nunca vai abandoná-la ou desampará-la.”

## HORAS NEGRAS

Coincidentemente, meu pai ia fazer uma operação no joelho, naquela manhã, e já estava no hospital, na mesa de cirurgia, anestesiado da cintura para baixo. O cirurgião ortopédico, o Dr. David Rovinsky, preparava-se para iniciar a operação quando uma enfermeira da Emergência entrou na sala.

– Dr. Rovinsky – anunciou ela. – Uma menina de 13 anos foi atacada por um tubarão. Vamos precisar desta sala imediatamente.

Meu pai ouviu isso e soube em seu coração que a menina de 13 anos era eu ou Alana. O médico tentou acalmá-lo.

– Vou tentar descobrir o que está acontecendo.

Em cinco minutos, o Dr. Rovinsky voltou. Seu rosto estava lívido e havia lágrimas em seus olhos.

– Tom, é Bethany – disse ele, suavemente. – A condição dela é estável. É tudo o que sei. Vou ter de tirar você daqui. Ela está vindo para cá.



Meu pai depois me contou que a hora que ele passou na sala de recuperação foi torturante. “Tentei fazer com que a sensibilidade nas minhas pernas voltasse, para poder correr até lá e ver você”, disse ele. “Não tinha idéia de qual era o seu estado. Rezava para que você só precisasse de alguns pontos.” Mas assim como seu coração tinha lhe dito que eu fora atacada, também lhe dizia que eu precisaria mais do que alguns pontos.

Minha mãe fora informada apenas de que eu havia sido atacada por um tubarão, mas não soube de nenhum detalhe sobre o ferimento. A caminho do hospital, sua amiga de longa data, Evelyn Cook, conseguiu falar com ela pelo celular: “Cheri, ela perdeu um braço.”

Minha mãe largou o telefone, parou o carro no acostamento, olhou para suas duas mãos pousadas no volante e começou a chorar.

## **ALOHA!**

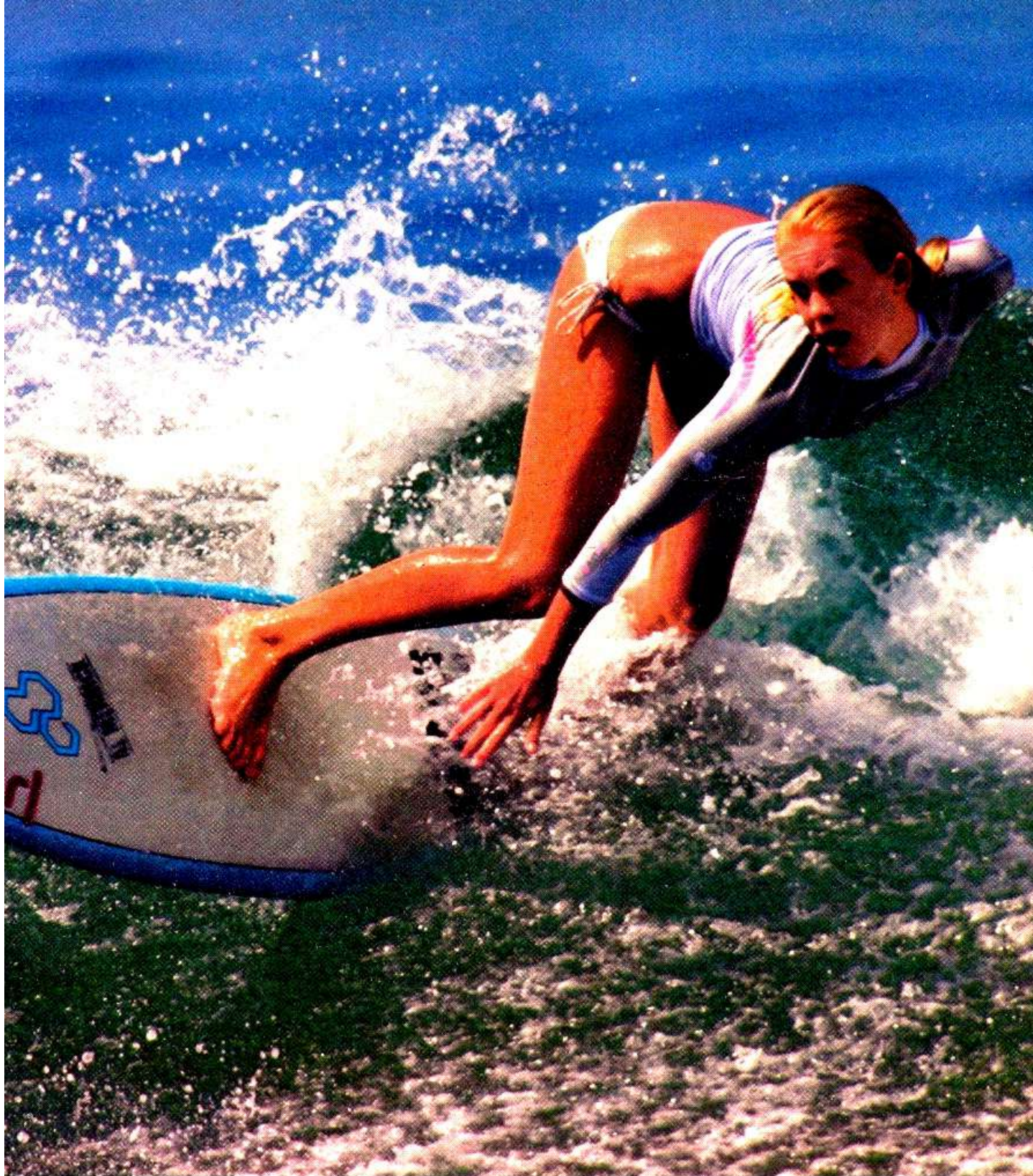
---

O Dr. Rovinsky garantiu aos meus pais que eu tinha todas as chances de ficar bem: era jovem, estava em ótima forma física, o corte fora direto, e não denteado, e a minha calma mantivera meus batimentos cardíacos lentos o suficiente para impedir que o sangue se escoasse velozmente pela artéria cortada. A atitude rápida de todos também havia ajudado. “Olhe”, ele disse para minha mãe, “muitos acontecimentos tiveram de dar certo para ela chegar até aqui. Não vai ser agora que algo dará errado.”

Ele também estava otimista de que eu saberia me virar bem no futuro com um só braço. Na verdade, achava que até uma prótese teria 50% de chances de funcionar. “Muitas crianças e jovens se acostumam à perda de um membro”, disse ele para minha mãe. “E Bethany é uma guerreira.”

Foram necessárias duas cirurgias para curar minha lesão. O Dr. Rovinsky primeiro teve de limpá-la bem, pois mordidas de tubarão apresentam alto risco de infecção. Ele então isolou os nervos e os cortou, fazendo com que se retraíssem, reduzindo, assim, a possibilidade de “dor fantasma” – a sensação de dor num membro que já não existe. A maior parte do ferimento foi deixada aberta, coberta por gaze durante vários dias para assegurar de que não haveria meio de infeccioná-lo.





**“Posso parecer diferente, mas tudo bem. Gosto de ser quem sou.”**

---

com um pedaço de minha pele. Num dos dias que se seguiram, eu disse a meu pai: “Eu quero ser a melhor fotógrafa de surfe do mundo.” Essa era minha maneira de dizer: “Eu sei que meus dias de surfista acabaram.” Ele apenas concordou: “Tenho certeza de que você vai conseguir”, e tentou sorrir. Ele sabia o que eu queria dizer.

No entanto, alguns dias mais tarde, comecei a pensar em voltar a sur-

Três dias depois, o Dr. Rovinsky fez uma segunda cirurgia que incluía o fechamento da lesão

far. O médico, porém, havia me proibido de mergulhar no mar por três ou quatro semanas após a segunda cirurgia. Nesse meio-tempo, eu tinha o bastante com que ocupar meu tempo e meus pensamentos. O principal era me acostumar à realidade do ferimento. Quando uma enfermeira veio trocar o curativo do meu braço, alguns dias depois de eu sair do hospital, foi a primeira vez que todos nós vimos o quanto exatamente do meu braço faltava. Minha avó foi para a varanda chorar. Meu irmão Timmy ficou tão abalado que se fechou no quarto e passou a tarde na cama.

Para os meus pais também foi difícil. Quanto a mim, quando olhei para aquele pequeno coto costurado com enormes pontos negros, quase desmaiei. Era bem pior do que eu havia imaginado. Foi aí que soube que precisaria da força de alguém muito maior do que eu se algum dia quisesse voltar para o mar.

Durante as primeiras semanas da minha volta para casa, minha família e eu vivemos uma enxurrada de *aloha*. Para aqueles que moram no Havaí, *aloha* é bem mais do que “olá” e “adeus”. É uma palavra que remonta às velhas tradições havaianas e significa consideração e afeto mútuos, sem que se espere nada em troca. É quando você faz algo de coração.

O pessoal da minha igreja, por exemplo: quando chegamos em casa, vindos do hospital, descobrimos que eles haviam arrumado tudo e colocado flores em todos os cantos. Durante duas semanas, todas as noites, alguém aparecia com o jantar pronto para nós. As pessoas iam lá em casa o tempo todo e se ofereciam para ajudar no que pudessem.

Também fiquei muito emocionada com o número de pessoas que quiseram ajudar a levantar fundos para nossa família. Elas não nos perguntavam nada; só viam a situação em que estávamos e diziam: “Quero ajudar essa família. Eles vão precisar.”

No sábado, 15 de novembro, apenas algumas semanas depois do ataque, centenas e centenas de pessoas compareceram ao salão principal do Kauai Marriott para um leilão beneficente que incluía mais de 500 itens doados. Como eu ainda estava me recuperando, não pude ir, o que me deixou triste, pois sou o tipo de pessoa que não gosta de perder uma festa – especialmente em minha homenagem.

Num palco enorme, apareceram alguns dos nomes mais famosos da ilha, como a lenda do surfe Titus Kinimaka e o cantor Malani Bilyeu. Até o ícone do *rock* Graham Nash, do legendário grupo Crosby, Stills, Nash

and Young, veio cantar para mim. Meu pai ficou abismado: ele me contou que não via a ilha se unir por uma boa causa desde os estragos causados pelo furacão Iniki, que devastou a maior parte de Kauai, em 1992. Quem poderia imaginar que eu seria tão importante quanto um desastre natural!

Quando o leilão terminou, as doações da noite totalizavam cerca de 75 mil dólares. Nós nos sentimos humildes e amados.

Esse espírito de *aloha* não se limitou ao Havaí. Meus pais encontraram na nossa caixa de correios milhares de cartas de todas as partes dos Estados Unidos e do mundo. Nos envelopes, havia mensagens de carinho com cheques ou dinheiro, às vezes centenas de dólares, às vezes uma nota de cinco dólares. Nós realmente não soubemos por que tantas pessoas escreveram, rezaram e nos fizeram doações, mas somos muito, muito gratos a todas elas.

Uma organização chamada Save Our Seas (Salvem Nossos Mares) soube do que acontecera comigo e lera eu dizer numa entrevista que, se não pudesse voltar a surfar, queria ser fotógrafa de surfe. Então eles se ofereceram para me treinar. Foi uma oferta maravilhosa que talvez eu aceite. Mas, antes, havia algo que eu precisaria fazer.

## ONDAS DE ALEGRIA

Na véspera do Dia de Ação de Graças, um pequeno grupo de parentes e amigos foi comigo até uma praia deserta. Nós chegamos no fim da tarde e, ao descermos pela trilha, vimos que as condições eram ótimas. As ondas eram grandes, com os talentosos surfistas locais. Esse era o dia em que eu iria descobrir se voltaria a surfar.

Meu irmão Noah queria filmar minha primeira onda. Então, colocou uma proteção à prova d'água na sua câmera e entrou no mar. Meu pai tirou o dia de folga e mergulhou para ver tudo de perto, nadando ao meu lado e gritando: "Vamos, garota!", a plenos pulmões. Matt George, amigo da família e repórter da revista *Surfer*, acompanhou-nos. E, é claro, Alana e um grupo de amigos meus também estavam lá.

Alana e eu fomos até as ondas juntas, da mesma forma como havíamos feito cedinho naquela manhã do *Halloween*. Era tão bom poder entrar no mar quentinho e sentir o gosto de sal. Tive a sensação de voltar para casa depois de uma longa viagem... E pensar que eu chegara tão perto de per-

der para sempre tudo aquilo que eu amava tanto: o mar, minha família e meus amigos!

Alana remou além da arrebentação, alcançando as ondas azuis que ainda não haviam quebrado. Decidi não ser muito exigente comigo e tentar surfar as ondas menores no início. De certo modo, era como aprender a surfar de novo. Eu tinha de me adaptar a remar dos dois lados com um braço só e, quando sentia a onda me levantando, tinha de colocar a mão no centro da prancha para ficar de pé, em vez de segurar nas bordas, como se faz quando se tem duas mãos.

Minhas primeiras tentativas não deram certo: eu não conseguia me levantar. Achei que ia ser mais fácil do que foi na verdade. Meu pai ficava gritando: “Bethany, tente mais uma vez! Agora vai dar certo!”

E, então, aconteceu. Uma onda veio, consegui pegá-la, coloquei minha mão na prancha, impulsionei o corpo para cima e fiquei de pé.

É difícil descrever a alegria que senti ao me levantar e pegar uma onda pela primeira vez desde o acidente. Embora eu estivesse molhada, senti as lágrimas rolando pelo rosto. Todos estavam comemorando.

Naquele dia peguei várias ondas, e ficar de pé tornou-se cada vez mais fácil. Um passo levou a outro, e logo eu estava de volta ao circuito de competições, mais uma vez caminhando em direção ao profissionalismo.

ÀS VEZES AS PESSOAS me perguntam se tenho medo de tubarões, agora que estou surfando o tempo todo de novo. A resposta é sim; às vezes meu coração bate forte quando vejo uma sombra embaixo d’água. Às vezes tenho pesadelos. E ainda não quero pegar onda na Tunnels de novo; nem sei se vou voltar lá algum dia.

Mas, mesmo quando o medo me vence, não me esqueço de que Deus está cuidando de mim e, embora eu não faça coisas estúpidas como ir com a prancha para um local onde alguém acabou de ver um tubarão, tenho confiança de que Ele está tomando conta de mim.

Outro dia recebi um *e-mail* que falava de um garoto que também perdera o braço, um aluno da 8ª série de Raleigh, na Carolina do Norte. Ele gosta muito de esportes, como eu, mas o dele é o *wakeboard*. Ele tinha começado a aprender a tocar violão, assim como eu, antes do ataque. A mulher que me escreveu sabia que Logan estava muito deprimido e tinha esperanças de que eu pudesse animá-lo.

Peguei o telefone, liguei para a casa dele e disse:

- Oi, Logan, aqui é Bethany Hamilton, do Havaí. Você deve saber que um tubarão arrancou meu braço.

- Sei, sim.

- Eu só queria que você soubesse que estou surfando no campeonato nacional com um braço só.

- É? Legal - disse ele.

- Olhe, eu sei que você não deve estar se sentindo muito bem agora. Mas sei que você ainda pode fazer um monte de coisas. Você pode e vai fazer, OK?

Conversamos mais um pouco e pude perceber o estado de espírito dele melhorando.

- Mantenha contato e me conte o que anda fazendo - eu disse.

Sei que Logan já voltou à ativa.

Momentos como esse me fazem pensar que talvez eu possa ser mais útil com um braço só do que quando tinha dois. Acho que foi isso que Deus planejou para mim. Não estou dizendo que Ele fez com que o tubarão me mordesse. Acho que sabia o que aconteceria, e criou uma forma de minha vida ser mais feliz e cheia de significado, apesar de tudo. Se eu puder ajudar as pessoas a encontrarem a esperança em Deus, então tudo o que perdi terá valido a pena.

## É FÁCIL...

Quando compramos uma enorme barraca de *camping*, minha mulher e eu não tínhamos a menor idéia de como seria difícil montá-la.

Sofremos para descobrir o lugar certo de cada uma das varas de apoio.

Finalmente, nossos vizinhos vieram nos ajudar e, juntos, "maltratamos" as peças, levantamos, empurramos e demos vários puxões até as encaixarmos no lugar certo.

Mais de uma hora depois, a barraca estava montada. Ao explorarmos o seu

interior, encontramos uma fita de vídeo explicativa: demonstrava, passo a passo, como montar a barraca em menos de dez minutos.

